

PALHOÇA

A CIDADE DA GENTE

Marcus Aurelius Pimenta
alunos e professores das escolas municipais
ilustrações de **Helena Kuller**



PALHOÇA

A CIDADE DA GENTE

Marcus Aurelius Pimenta
alunos e professores das escolas municipais
ilustrações de **Helena Küller**



OLHARES

São Paulo 2025



Palhoça é uma cidade que pulsa história, cultura e natureza. Entre o mar e a serra, entre tradições açorianas e a força do crescimento urbano, o município se revela em múltiplas dimensões, que agora ganham voz e olhar especial: o de seus próprios estudantes.

O projeto A Cidade da Gente nasceu do desejo de valorizar os patrimônios locais e estimular a consciência de pertencimento nas novas gerações. Mais do que um livro, esta é uma obra coletiva que une passado, presente e futuro.

Ao longo de dez capítulos, produzidos por alunos de três escolas da rede municipal – EB Francisca Raimunda de Farias Costa, EB Viviane Laurita de Quadros Coelho e EB Profª Weingartner –, a história da cidade é revisitada sob uma perspectiva única. São relatos que percorrem a grandiosidade da Serra do Tabuleiro e do Morro do Cambirela, a vida na pesca artesanal, a tradição da Festa do Divino, a delicadeza da renda de bilro, a memória preservada em construções históricas, a força da cultura popular e da escola de samba Nação Guarani, além da importância do jornalismo local e de figuras marcantes, como João do Jornal.

Cada página reflete a dedicação dos alunos e dos professores, que, ao se tornarem autores, também se tornam guardiões da memória de Palhoça. O envolvimento das crianças e dos jovens em visitas, pesquisas e descobertas possibilitou que este livro fosse além de uma atividade escolar: ele se transformou em um exercício de cidadania, identidade e preservação cultural.

O patrocínio deste livro une a concessionária Águas de Palhoça e o Instituto Aegea, organização sem fins lucrativos que é o braço de iniciativas socioambientais da companhia, com a missão de contribuir com o desenvolvimento dos municípios de atuação do Grupo Aegea, visando gerar impacto positivo e prosperidade compartilhada por meio das melhores práticas socioambientais.

Fazemos isso ao promovermos parcerias como esta, no projeto A Cidade da Gente, que estimula jovens estudantes de escolas públicas a mergulharem na história de suas cidades de forma a honrá-la e valorizá-la, contribuindo diretamente em suas formações pessoais e acadêmicas.

Este livro é, portanto, um convite ao conhecimento e ao orgulho de pertencer a esta terra. Que cada leitor encontre nestas páginas não apenas informações sobre Palhoça, mas também inspiração para reconhecer e valorizar os patrimônios culturais que nos conectam e fortalecem como comunidade.

Águas de Palhoça e Instituto Aegea

É com grande alegria que apresento este livro, *Palhoça – A cidade da gente*, fruto de um projeto que une memória, identidade e futuro por meio da investigação sobre a história e o cotidiano do município de Palhoça, conduzida pelas mãos e pelos olhares dos estudantes da Rede Municipal de Ensino de Palhoça.

Em Palhoça, terra de tradições e de esperanças, este trabalho ganha ainda mais significado. Nossa cidade nasceu da força dos povos que aqui se estabeleceram, das guaritas erguidas para proteger a Ilha de Desterro à construção das primeiras palhoças que deram nome ao município.

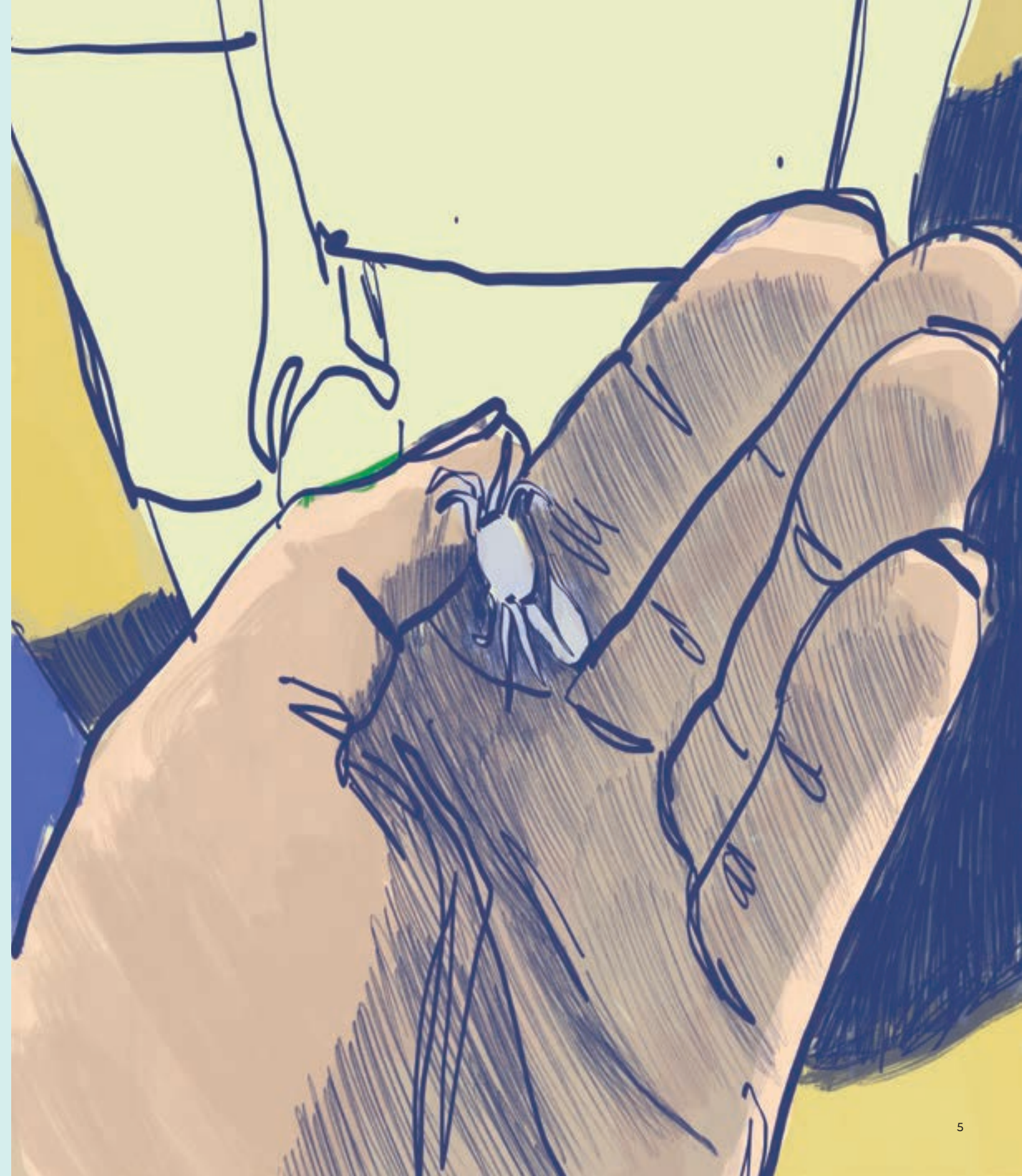
Ao longo dos séculos, Palhoça cresceu e consolidou-se como uma cidade inovadora onde convivem tradições açorianas, madeirenses, italianas, alemãs, indígenas e de tantos outros povos que ajudaram a formar nossa identidade cultural. Hoje, continuamos a ser reconhecidos como uma cidade em movimento, que cresce, acolhe e se reinventa diariamente.

O livro *Palhoça – A cidade da gente* nos convida a olhar para esse passado e reconhecê-lo como força que impulsiona o presente e projeta o futuro. Quando nossos estudantes investigam a história da cidade, percorrem ruas, registram memórias e narram o cotidiano, eles se reconhecem como protagonistas de uma cidade que constrói o amanhã.

Palhoça é, assim, mais do que território: é a soma das vozes, das lutas e dos sonhos de sua gente. Este livro é prova viva desse movimento, pois dá espaço ao olhar sensível e curioso das novas gerações, que nos mostram que a cidade que herdamos é também a cidade que estamos construindo: justa, inclusiva e acolhedora.

Que este trabalho inspire em cada leitor o orgulho de pertencer a Palhoça e a certeza de que, ao cuidar da nossa memória e valorizar nossos estudantes, estamos também cultivando o futuro.

Gean Karlo Medeiros
Secretário Municipal de Educação de Palhoça



SUMÁRIO

10	ESCOLA DE SAMBA NAÇÃO GUARANI
18	PRAÇA SETE DE SETEMBRO
24	JORNAL PALHOCENSE
32	JOÃO DO JORNAL
38	PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO
46	MANGUEZAIS
52	SERRA DO TABULEIRO E MORRO DO CAMBIRELA
58	FESTA DO DIVINO
64	ENSEADA DO BRITO, CASA DE CULTURA AÇORIANA E RENDA DE BILRO
72	PRAIA DO PONTAL, PRAIA DE FORA E ATIVIDADE PESQUEIRA





Palhoça é uma cidade bonita e aprazível, um daqueles paraísos do litoral, que no verão atraem multidões de turistas. Eles vêm atrás de sua bela faixa de areia, de uma foto do pôr do sol ou mesmo de uma boa água de coco, mas aqui falaremos sobre a cidade da gente, com atrações um pouco diferentes.

Palhoça tem riquezas que muita gente não imagina. A presença luso-açoriana deu ao lugar características próprias, tradições e até um modo de falar. Novas influências vieram, misturaram-se a essa base e enriqueceram sua cultura o estimulante toque de diversidade.

Nem todo mundo conhece seus cantinhos secretos, mas os alunos de três escolas públicas da cidade tiveram o privilégio de visitar esses lugares. Também ouviram palestras, entrevistaram personagens fora de série e fizeram pesquisas. Teve até gente que foi pescada (você vai entender depois).

Agora o privilégio será de quem ler os textos deste livro. Ele está cheio de informações interessantíssimas. E o melhor: foi escrito por caranguejos (você vai entender depois) curiosos, sensíveis e que dão um banho de bom humor.

ESCOLA DE SAMBA NAÇÃO GUARANI

ESCOLA BÁSICA PROFESSORA ADRIANA WEINGARTNER

Professores Carlos Eduardo Figueredo de Quadros e Lucas de Sousa Serafim

Turma 61

O que é, o que é?

Quando se pensa em Santa Catarina, as primeiras imagens que vêm à mente são as das praias, da serra no inverno, da Oktoberfest e de argentinos em férias. Ok, nada de errado com isso, mas já vamos avisando: esta viagem vai começar de um jeito inusitado. Qual? A adivinha que a Emanuela criou vai dar uma pista:

Dá coceira no pé,
Mexe pra lá, mexe pra cá.
Não dá pra parar,
o corpo todo balança e
sacudo igual criança.
Não é só uma música, não é só uma dança,
é um ritmo que se conhece desde criança.
Fala de amor, fala de esperança,
envolve todo mundo, ele é o samba.
Emanuela de Almeida Malheiros



Não pode faltar

O samba é um gênero musical incrível. Ele tem uma pulsação que transmite força, maleabilidade e alegria. Palhoça também tem samba, e uma escola de destaque é o Grêmio Recreativo Escola de Samba Nação Guarani, ou simplesmente Nação Guarani. Seu nome é uma homenagem aos primeiros habitantes da região: os indígenas da etnia guarani. A Terra Indígena Morro dos Cavalos faz justiça a esses guardiões de Palhoça. Fundada em 2010, ela faz seus desfiles na cidade e ainda participa do carnaval de Florianópolis.

Ao receber a visita do presidente da Nação, Lui, e da carnavalesca Kika, os alunos puderam tirar dúvidas e descobrir coisas interessantíssimas. Ficaram sabendo, por exemplo, que não dá para fazer um desfile sem dois personagens.

Eles dançam com leveza sem dizer nada,
em meio à avenida tão lotada.
Ele gira como o vento que guarda,
ela segura o pavilhão como uma espada.
Quem são eles que mantêm a tradição
e juntos são o valor dessa nação?
O Mestre-Sala e a Porta-Bandeira
Ana Gabrielli de Lima

Além de apresentar a agremiação para o público, a dança do mestre-sala e da porta-bandeira tem um forte simbolismo poético. Na narrativa contada pelo desfile, eles são como a Terra e o Sol. Com elegância e gingado, a Terra (mestre-sala) faz seus movimentos girando ao redor do Sol (porta-bandeira).



Venho por meio desta...

A conversa dos alunos com os representantes da Nação sobre esse tema foi tão bacana, que a Isabel resolveu escrever uma carta para a carnavalesca Lili:

Palhoça, 26 de junho de 2025.

Prezada Carnavalesca,

Queria elogiar a porta-bandeira e o mestre-sala da sua escola, pois seus figurinos estavam impecáveis.

A bandeira da Nação Guarani é simplesmente linda!

O indígena representado nela é um símbolo forte da nossa cultura e história, e as cores vibrantes têm um significado especial. É como se a bandeira estivesse viva, representando a alma da escola.

Atenciosamente,
Isabel Valentina Leal Ramirez

É, mas nem tudo são rosas

O Lui e a Kika, para quem a Isabel escreveu a carta, falaram de muitas coisas na conversa, mas um dos tópicos que mais chamou a atenção foi o das dificuldades que uma escola de samba pode enfrentar na hora do desfile. Eles lembraram de momentos bem complicados.

Kika nos contou que em 2022 o governo não deu verba suficiente, mas nem por isso eles deixaram de fazer o carnaval. Usaram materiais reciclados como sacos plásticos e embalagens de leite para fazer as fantasias, e galhos e folhas de coqueiros foram colados em um papelão para formar um cocar. A construção dos carros alegóricos foi linda e representou bem o enredo “O ecoar de uma nação transforma lixo em criação”. Tudo muito bonito, inspirador, criativo e colorido.

Emanuely Karoliny Cardoso da Rosa
e Rafaela de Oliveira Pereira

Outra história de Carnaval caótico foi a de 2015. Essa apresentação levou a Nação ao grupo de elite e foi vista como um título, mas olha só o sufoco que os sambistas passaram na avenida:

Estava chovendo muito, com água batendo no joelho, mas eles deram tudo de si e foram ótimos no desfile. Tanto que entraram para a elite do carnaval. O enredo daquele ano abordava o Rio Grande do Sul, sua história, cultura, folclore e tradições.

Anna Júlia Avelino, Valentina Araújo Bueno
e Gabrieli Galupo Gonçalves



Além dos clichês

Com pouca ou muita dificuldade, essa tradição continua viva e mostra um lado imprevisível de Palhoça. Tanto melhor. Surpresas fazem bem à imaginação, e aqui elas nos levam a ver o samba com os olhos da simpatia e do respeito. É ou não é, Beatriz?

No ritmo do tambor a alma se move.
Faz a gente dançar com emoção e alegria.
Com instrumentos e canto, a história se conta.
A resistência e a luta são temas do samba,
De um povo guerreiro, que nunca se cansa.
No carnaval tudo vira poesia.
Com danças, fantasias e brilho no olhar.
É Nação Guarani a desfilar.
Com alma, coragem e o dom de sonhar.

Beatriz Stefany Okonski

PRAÇA SETE DE SETEMBRO

ESCOLA BÁSICA PROFESSORA ADRIANA WEINGARTNER

Professores Carlos Eduardo Figueredo de Quadros e Lucas de Sousa Serafim

Turma 63

Sua majestade, a rainha

Toda cidade tem seus locais de referência e, no caso palhocense, a praça Sete de Setembro ocupa lugar de destaque. Além de ter sido, por anos, um ponto de encontro oficial e um centro de notícias, tinha construções vistosas como uma casa açoriana que vendia de tudo um pouco, hoje substituída pelas linhas retas de um banco. Nos anos 1970 e 1980, a Sete chegou a ganhar o título de “Rainha do Litoral Catarinense”, uma honra que deve muito a dois personagens.

Nessa época, a praça era lembrada pelo seu lindo jardim e seus ciprestes que tinham formas de animais. Tudo isso graças ao seu Flor e ao seu Neca, que se dedicavam a cuidar do jardim. Porém o tempo foi passando e, junto com o progresso, tudo foi mudando. Onde estão os ciprestes com formas? Onde estão os cantos dos pássaros? E a prosa no final de tarde? A praça passou por diversas mudanças ao longo do tempo, e hoje nos resta contar histórias.

Isadora Sodré Souza, Gabriel Sanches Fontana
e Ysabelli Bueno de Oliveira

Seu Flor e seu Neca, dois homens dedicados, que recebiam o salário mínimo e trabalhavam até nos dias de folga, transformaram a Sete de Setembro num ponto turístico. Sua história impressionou tanto a turma que deu origem a uma carta imaginária. Quem a escreveu? Ninguém mais, ninguém menos que os nossos heróis.

Palhoça, 22 de agosto de 1984.

Prezado prefeito,

Gostaria de pedir a você uma tesoura melhor para cortar os ciprestes, pois essa que temos está quebrando de tanto usarmos.

Também gostaria de lhe informar que o meu parceiro, o Neca, está pedindo uma escada maior para cortar a parte de cima dos ciprestes e conseguir fazer novas formas neles. Logo lhe mando o desenho que queremos fazer com a tesoura nova. Espero que consiga nos ajudar.

Atenciosamente,
Seu Flor e seu Neca
Maria Clara Rodrigues Pulido



A luta do século

Outro episódio que chamou a atenção da turma foi o que envolveu dois sujeitos: o senhor Ireño, sacristão da igreja, e o senhor Tavinho, que tinha mentalidade infantil (entre outras coisas, ele dizia ser o dono da empresa de transporte do município). Os dois viviam pregando peças um no outro. O Matheus achou a história desse bafafá tão divertida que inventou outra carta (para o prefeito), pedindo que desse um jeito na situação.

Palhoça, 22 de dezembro de 1982.

Prezado prefeito,

Peço que resolva o problema entre seu Ireño e seu Tavinho, pois eles brigam muito e uma dessas brigas passou do limite. Tavinho, de madrugada, acordou seu Ireño e falou que era hora de tocar o sino da igreja. Seu Ireño tocou o sino e acordou todo mundo.

Atenciosamente,
Cidadão de Palhoça
Matheus Alvarez Telles de Souza



Supertranquila

Desentendimentos como o do senhor Ireno e do senhor Tavinho sempre foram exceções. De modo geral, a praça é um lugar bem relaxante, onde se pode, inclusive, “ver as horas” em um relógio de sol, obra do artista uruguaio Félix Carbajal. Olhando para ele, a sensação é a de que o tempo não tem pressa para passar. Ali as tensões não têm vez, e a carta escrita pela Emanuelle dá a medida dessa serenidade.

Palhoça, 24 de junho de 2025.

Querida amiga.

Oi, tudo bem? Hoje fui à praça Sete de Setembro. O dia estava ensolarado e com poucas nuvens, mas o vento estava forte. Essa praça fica bem no centro de Palhoça e é um lugar supertranquilo, com muitas árvores, bancos e um coreto bem no meio da praça. Tem uma “vibe” calma, que dá vontade de sentar ali e ficar só olhando o movimento ao redor. Essa praça foi feita em homenagem à Independência do Brasil, por isso tem esse nome.

Mesmo que não seja muito grande, ela é importante para a cidade. Muita gente passa por lá todos os dias. O que eu mais gosto, é que, mesmo sendo simples, ela tem uma energia boa. Sei que você ia adorar sentar naquele banco comigo, conversar por horas e aproveitar a sombra das árvores. Espero que um dia você venha me visitar para conhecer esse lugar lindo comigo.

Beijos e até mais!

Emanuelle Cristinne Craveiro Auzier

JORNAL PALHOCENSE

ESCOLA BÁSICA PROFESSORA ADRIANA WEINGARTNER

Professores Carlos Eduardo Figueredo de Quadros e Lucas de Sousa Serafim

Turma 62

De cair o queixo

Talvez você se espante um pouco com essa informação, mas no dia 3 de julho de 2025 o jornal *Palavra Palhocense* alcançou, nas versões impressa e on-line, o seu milésimo número.

– O quê!? Número mil!?

Exatamente. Foram mil edições de um veículo de imprensa dedicado a informar os leitores dos acontecimentos da cidade. Nas suas páginas (antes impressas, hoje digitais) registraram-se queixas da população e vários temas foram trazidos para o debate público. O dia a dia de Palhoça está todo lá. Gratuito, ele conta com mais de 100 mil seguidores no Instagram e faz parte da história local. Uma trajetória tão vitoriosa pode levar a gente a pensar que quem está por trás disso tudo é uma grande organização. Engano. Essa iniciativa partiu do idealismo de um pioneiro. Vamos conhecer essa história através das cartas e das narrativas de viagem criadas pela turma.





Viagem para Palhoça

Era um dia frio de 1989, eu e Luiz estávamos viajando para Palhoça. Chegamos lá e tudo era muito lindo, mas escutei que fizeram um jornal, então fomos conhecer o jornal. Quando chegamos era um bar, comi um pastel com caldo de cana e a mulher do bar achou estranho eu não dar o pastel para meu amigo Luiz.

Quando estava conversando com a mulher, chegou um homem: era o João José da Silva (dono do jornal de Palhoça). Ele contou que quando era pequeno fazia poesias para as meninas e quando adulto trabalhava fazendo tijolos antes de fazer os jornais. Também falou sobre a coluna que escrevia, “Boca Maldita”, que publicava reclamações da comunidade.

João falou que era difícil fazer jornais porque não tinha acesso a computadores e máquinas para fotos (a foto era escura e precisava ficar no escuro para o processo de revelação). Na máquina de escrever você precisava colocar uma folha na máquina e clicar nos botões em formato de letras para sair na folha.

Holiver Otávio Alves da Silva e Luiz Felipe da Silva Correia

Viagem ao jornal *Palhocense*

Eu e meus amigos realizamos uma pesquisa na escola sobre o jornal *Palhocense*. Fomos de carro, estava um dia ensolarado e paramos numa lanchonete. Quando chegamos, encontramos o João, que nos mostrou uma estante com vários livros e edições do jornal. O local era bem grande e bonito.

João nos contou que teve um bar chamado “Bar do Snoopy”, e que trabalhou em uma olaria até os 29 anos. Também nos revelou que vendeu o jornal a seu sócio em 2005, e o novo jornal passou a ser chamado: *Palavra Palhocense*, que hoje é administrado pelo Alexandre, filho do João. Ele nos contou que com a influência do jornal já fez várias coisas por Palhoça, como impedir que prisioneiros fossem transferidos para a cidade.

Depois de muitas histórias e conversas, falamos ao João que tínhamos que voltar para entregar a pesquisa para a escola. Quando chegamos ao hotel onde estávamos, entramos no carro e partimos conversando sobre as coisas que o João havia nos contado.

**Marcos Israel Nascimento Correa,
Erick Rayan Narciso e Brendha da Costa Pereira**





Viagem à editora

Em um dia frio e nublado, fui ler a edição 1000 do jornal *Palavra Palhocense*. Logo depois, fui pegar um ônibus para visitar o local.

Quando cheguei, o João (colunista) foi a primeira pessoa a me receber, e lembrou que tinha dado uma palestra na minha escola. Enquanto me mostrava o local, ele nos disse que fazia festivais de música no bar, e que o “Dazaranha” (uma banda catarinense de MPB muito boa) começou a tocar ali. Também nos falou que o jornal era de graça, e que um dos primeiros locais a ser distribuído foi no bar conhecido como da “Dona Maria”.

Lucas dos Santos Virgílio, Breno Mariotti Marcirio
e David Emanuell Floriano Amorim

Dona Maria

Além das narrativas de viagem, a pesquisa rendeu uma carta imaginada pela Izabella. No texto, a dona Maria manda uma mensagem ao senhor João:

Palhoça, 16 de junho de 2025.

Querido amigo, tudo bem?
Queria que você trouxesse a edição 1000 do jornal, pois está muito boa. Meu bar é cheio de pessoas que vêm aqui pegar seu jornal toda quinta-feira. Eles amaram e está sendo um sucesso. Que continue assim, pois eu distribuo seu jornal desde 1989 e gostaria de continuar fazendo.

Até logo!
Dona Maria.

Izabella Fonseca da Silva

JOÃO DO JORNAL

ESCOLA BÁSICA VIVIANE LAURITA DE QUADROS COELHO
Professor Jakson Luiz Collaço
Turma 62

Ézumaió, seu João!

Já conhecemos o jornal, agora vamos conhecer o jornalista, o senhor João José da Silva, ou “João do Jornal”. E olha só que bacana: ele deu uma entrevista para a Turma da Vivi, formada pelos personagens de um jornal da escola. O projeto da Turma nasceu da mente do professor Jakson Collaço, que pretendia estimular a escrita criativa, integrando as disciplinas. Uma ideia que se tornou uma experiência enriquecedora para os alunos. A Turma tem sete personagens: a professora Vivi (homenagem à patrona da escola), o Papagaio Kell, Noah, Mel, Japa, Lua e Léo. Mas isso ainda não é tudo. Na entrevista, os repórteres resolveram fazer as perguntas em manezês, dialeto que mistura o português de sotaque açoriano com expressões locais. É uma ideia tão surpreendente e original que, antes de começar, vale a pena consultar um pequeno glossário desse “idioma” palhocense:

AÇORES
(Portugal)

Madeira
(Portugal)

Ilhas Canárias
(Espanha)

Portugal

França

Marrocos

Argélia

Ói, ói, ió: termo que significa admiração ou surpresa.

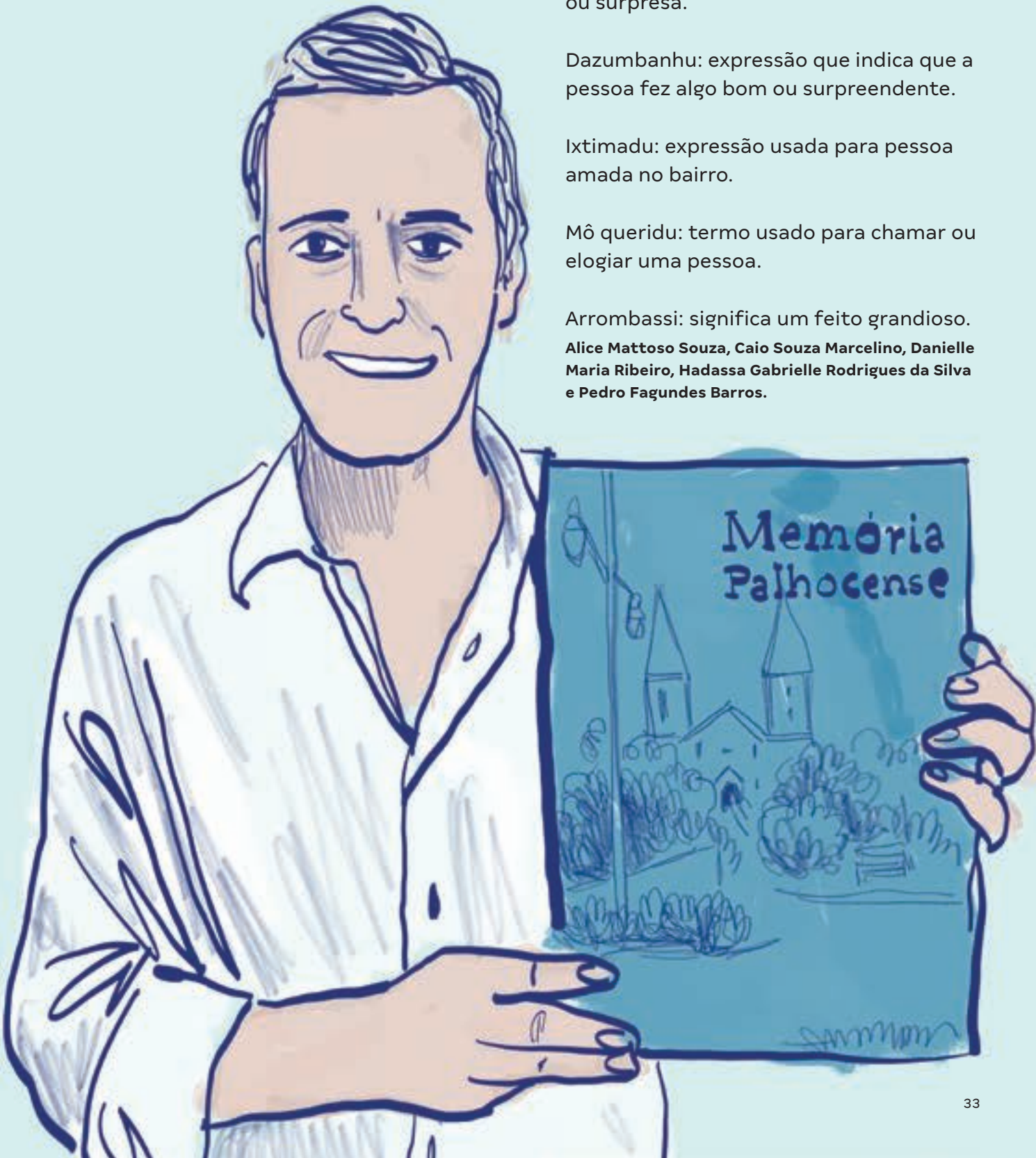
Dazumbanhu: expressão que indica que a pessoa fez algo bom ou surpreendente.

Ixtimadu: expressão usada para pessoa amada no bairro.

Mô queridu: termo usado para chamar ou elogiar uma pessoa.

Arrombassi: significa um feito grandioso.

Alice Mattoso Souza, Caio Souza Marcelino, Danielle Maria Ribeiro, Hadassa Gabrielle Rodrigues da Silva e Pedro Fagundes Barros.





O plantão do Vivi News informa

Ao entrar na sala de aula para a entrevista, João foi saudado pelos repórteres mirins à moda manezinha: “Ói, ió, ió, u Juão du jornaliii!”.

Tomando o microfone, o enxerido Papagaio Kell fez a primeira pergunta:

PAPAGAIO KELL: *Aê, ixtimadu! Conta pra galera aqui quem tu és! Venx di ondi e vax pra ondi?*

JOÃO DO JORNAL: Eu venho do Alto do Aririú, que faz divisa com o município de Santo Amaro da Imperatriz. Nasci em 1956, e fui o sexto de uma família com sete filhos. Estudei no município, trabalhei e continuo trabalhando por ele. Respondendo à sua segunda pergunta, querido repórter, acho que estou indo para o céu, pois acredito em uma dimensão superior à que vivemos.

PROFª VIVI: *Fala aê, Juão, pra nóx: u qui tu pensas da Palhoça?! Tu éx daqui, éx?*

JOÃO DO JORNAL: *Pois, intão, não sô? (risos) Nasci no dia 12 de janeiro de 1956, com a ajuda de uma parteira chamada Maria José. E foi numa palhoça, uma casa de estuque, feita de palha e barro, o que originou o nome da nossa cidade. Palhoça é a minha casa.*

NOAH: *Ô, ixtimadu! U qui é a família pra ti? Tu tenx filhu, tenx?*

JOÃO DO JORNAL: Tenho dois filhos maravilhosos. O Alexandre se formou em jornalismo, na Unisul, e hoje é meu braço direito no jornal, e o Davi João da Silva, que atualmente faz a faculdade de Tecnologia da Informação. A família deve ser a continuidade do teu caminhar, assim, nossa responsabilidade é ser um bom exemplo para os nossos filhos.

LÉO: *Juão! Tu arrombassi a vida toda! Intão, dévix tê um lugá dus sonhu pra ir! Conta pra genti... pra ondi viajariax?*

JOÃO DO JORNAL: Eu gostaria de visitar a Ilha dos Açores, de onde vieram os colonizadores portugueses que deixaram como herança nosso dialeto, nossa culinária e nossa cultura.

LUA: *Juão, mô quiridu! Como tu foi pará no jornalixmu? Diz aí pra nóx!*

JOÃO DO JORNAL: Eu não sou jornalista profissional; sou um redator de jornal; um jornaleiro, por assim dizer, pois também distribuía os jornais. Eu criei um jornal para os interesses da cidade.

MEL: *Oi, Juão! Quandu tu não táx nu ermin, u qui tu fax?*

JOÃO DO JORNAL: Estou sempre tentando me conectar com as pessoas. Quero saber dos seus anseios e ajudar por meio da informação. É o meu passatempo preferido. Outra coisa que gosto é passar para o papel a nossa essência. Estou vendo vocês fazerem as perguntas em bom manezês, e confesso que estou emocionado. Essa nossa identidade linguística de influência açoriana é singular.

JAPA: *Dazumbanhu toda vida, mô quiridu! Intão, pra ermina, conta pra nóx a tua visão di mundu!*

JOÃO DO JORNAL: Eu entendo que devemos viver esta vida com leveza, cultivando paz e harmonia, pois a ganância, que tem origem no egoísmo, nos separa, e tudo o que separa as pessoas deve ser abandonado. Essa é a forma como vejo o mundo. Espero que vocês escrevam, também, grandes histórias de vida e contem essas experiências aos seus filhos e netos no bom manezês, como fizeram brilhantemente aqui.

Valeu, mô quiridu, a Turma da Vivi agradece! Ézumaió!

Repórteres: Brayan Michael Nunes dos Reis (Papagaio Kell), Hadassa Gabriele Rodrigues da Silva (Profª Vivi), Gregory Cunha Pinheiro (Noah), Pedro Di Mari Fagundes Barros (Léo), Alice Mattoso Souza (Lua), Pyetra Gabriely Borges da Cruz (Mel) e Renan André Mendes de Lima (Japa)



PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO

ESCOLA BÁSICA VIVIANE LAURITA DE QUADROS COELHO
Professora Kathiane Thaís Facenda
Turma 61

Uma aventura de conhecimento

O patrimônio arquitetônico de uma cidade é uma das vítimas preferidas do progresso. Hoje você passa diante de um belo casarão, amanhã ele está demolido e depois de amanhã virou um prédio sem graça com um nome chique em francês ou italiano. Na maioria dos casos não fica nem mesmo uma memória do que havia antes, mas Palhoça tem a sorte de contar com sete personagens preocupados com esse tema.

A Turma da Vivi saiu pelas ruas em busca de resgatar esse período em que se dava valor à beleza das obras. Atentos, eles visitaram o Paço Municipal, a Igreja Matriz, o Mercado Público e a histórica escola Venceslau Bueno. Foi uma viagem no tempo que abriu seus olhos para o valor da arquitetura.

A masmorra secreta

Era um lindo dia de sol, uma tarde perfeita para um passeio. Léo, Noah, Japa, Lua e Mel entraram no ônibus escolar, animados pela visita à biblioteca. A professora Viviane organizava os materiais para a pesquisa enquanto Kell, o papagaio falante, olhava pela janela, comentando tudo o que via.

– O ônibus é rápido, mas eu sou mais! Voar seria muito melhor! – disse Kell, batendo as asas.

Lua riu: – Então, boa sorte tentando carregar todos nós para a biblioteca!

Quando finalmente chegou, o grupo desceu do ônibus e olhou para a linda fachada da biblioteca.

– Isso parece um castelo do conhecimento! – comentou Japa.

Assim que entraram, sentiram uma paz. O lugar era tranquilo, com cheiro de livros antigos, criando o cenário perfeito para uma tarde de descobertas. Enquanto exploravam as estantes, Kell começou a bicar um relevo na parede ao lado de uma prateleira antiga. De repente, ouviram um som de engrenagens pelo salão e uma passagem secreta se abriu no chão, mostrando uma escada que descia para o subsolo da biblioteca.

– Uma masmorra secreta dentro da biblioteca! Agora sim estamos falando de mistério! – exclamou Lua.

Guiados pela curiosidade (e por Kell, que já voava lá para baixo), os estudantes e a professora desceram os degraus, entrando em um corredor estreito e antigo. No fundo, encontraram uma porta de pedra com um enigma. “Para seguir adiante, respondam: em que ano foi fundada a biblioteca de Palhoça?”

– Essa é fácil! – disse Noah. – Foi em 1975!

A porta se abriu, levando-os a outro desafio: “O nome da biblioteca homenageia uma figura importante. Quem é?”



Viviane respondeu sem pensar:

– Guilherme Weithorn Filho!

A porta seguinte se abriu, mostrando um novo corredor iluminado por tochas. Kell voou na frente, empolgado. No último desafio, a inscrição na parede dizia: “O nome Palhoça tem origem em um tipo de construção. Qual era sua função?”

Léo pensou e respondeu: – As palhoças eram abrigos de palha usados para guardar farinha e proteger os tropeiros!

Com um som alto, a última porta se abriu. O grupo entrou na sala e ficou em silêncio. As paredes eram cobertas de símbolos antigos e desenhos que pareciam representar a biblioteca em diferentes épocas. Lua analisou os detalhes. Tinha janelas grandes, colunas coloniais e um estilo muito mais clássico.

– Agora está tudo moderno e sem identidade.

Viviane suspirou: – Infelizmente, muitos monumentos históricos passam por reformas que acabam apagando parte da sua história.

Japa cruzou os braços: – Se mudamos tudo, como as futuras gerações vão conhecer a verdadeira história da cidade?

Kell, que até então estava explorando a sala, bicou um pedestal coberto de poeira.

– Ei, pessoal! Acho que encontrei algo!

Todos se aproximaram e viram um livro antigo. A capa de couro estava rachada, e as páginas amareladas indicavam que havia sido esquecido ali por muito tempo.

– Isso... isso é inacreditável! – exclamou Mel, pegando o livro com cuidado.

Viviane analisou o título: – Este pode ser um dos primeiros registros da biblioteca! Talvez contenha informações que ninguém viu há décadas!

Kell bateu as asas, animado: – Mistério resolvido! Agora, comida!

Todos riram, sabendo que haviam vivido uma aventura inesquecível e descoberto um verdadeiro tesouro no coração da biblioteca.

Davi Vieira Gonçalves, Davi Ruan de Liz Silva, Wiliam Bernardo Eduard Ferreira Oliveira e Gregory Cunha Pinheiro



Uma aula de sensibilidade

Na realidade, a visita aos lugares fez os alunos pensarem que os espaços que chamamos de antigos guardam em si muito da memória coletiva. Cada vez que um deles vem abaixo, a identidade cultural de um lugar fica enfraquecida. Olhar para trás às vezes é o melhor modo de olhar para a frente. O quê? Ficou confuso? Ok, vamos entender isso melhor com mais uma viagem com a Turma da Vivi.



Profª Vivi: Bom dia, alunos! Hoje nós vamos para a praça para aprender mais sobre patrimônio arquitetônico e histórico.

Léo: Eu gosto de patrimônio arquitetônico e histórico. Melhor ainda é um passeio.

Todos: Fica quieto, seu nerd!

Todos já estão arrumados e vão para fora da escola. A turma vai para a casa de cultura que é na frente da praça. Chegando lá, a professora Vivi pergunta:

Profª Vivi: Algum de vocês sabe o que é patrimônio arquitetônico e histórico?

Kell e Mel levantam a mão.

Kell: Patrimônio histórico é tudo aquilo que guarda a memória e a cultura de um povo.

Mel: Patrimônio arquitetônico é aquele formado por construções antigas e importantes para a história de uma cidade ou país.

Profª Vivi: Parabéns, vocês acertaram. O patrimônio histórico pode ser uma festa tradicional, uma comida típica, uma música, um objeto antigo ou uma construção importante. Ele nos ajuda a conhecer o passado e entender como as pessoas viviam.

Léo: Sim, e o patrimônio arquitetônico é aquele das igrejas, casarões, praças, museus, teatros, escolas e prédios públicos.

A Turma da Vivi volta para a escola.

Profª Vivi: Gostaram do passeio?

Turma: SIM!!

O sinal bate.

Profª Vivi: Tchau, queridos alunos.

Turma: Tchau, professora Vivi.

Miguel Pietro de Oliveira Fagundes
e Victor Marian Back

MANGUEZAIS

ESCOLA BÁSICA VIVIANE LAURITA DE QUADROS COELHO
Professora Anabelle Barroso de Paiva
Turma 6º ano

Palhoça é uma cidade litorânea, banhada por rios e mares que se encontram num ecossistema precioso do ponto de vista ambiental: o manguezal. Berçário para animais marinhos, ele ainda protege a costa contra a erosão e filtra a água. São muitas as suas contribuições para a qualidade da nossa vida, e a Amanda resolveu nos levar a um passeio imaginário pelo local. Reunindo a Turma da Vivi, ela juntou informações bem importantes.



E lá vai o barco

Depois que todos embarcaram, a Mel fez uma cara torta e disse:

– Nossa, que sujeira! Que lugar poluído! Por que está assim?

O homem que levava o barco respondeu:

– É porque ninguém respeita! Deveria ser crime jogar lixo e esgoto em locais inapropriados!

– É verdade – Vivi concordou –, mas é lindo e tem árvores com raízes diferentes, não é?



O homem falou:

– Sim, o mangue preto e branco tem as raízes parecidas, enquanto o mangue vermelho tem uma raiz grande que sai do tronco da árvore. Aqui as pessoas não podem construir porque o rio sobe e baixa de acordo com a maré, o solo é só lama, além de a água ser doce e salgada (salobra). Quem mora nesse tipo de lugar pode ter sua casa inundada. Aqui também tem animais como caranguejos, aves, peixes e mamíferos. Vocês sabiam que as pessoas que nascem em Palhoça têm o apelido de caranguejo?

– Por quê? – Lua perguntou.

O homem respondeu: – É porque aqui tem uma quantidade enorme de caranguejos!

Nosso passeio terminou. Adoramos aprender mais sobre esse ecossistema. Quando a gente conhece melhor um lugar, aprende a importância de preservar.

Amanda Aparecida Criano

Antes e depois

O estudo se voltou para o conhecimento que os alunos tinham antes e depois a respeito do tema. Concluída a tarefa, eles ficaram entusiasmados ao descobrir o quanto o manguezal beneficia a natureza e as comunidades ao redor. Mais surpreendente do que isso só descobrir que o caranguejo é um apelido para os nascidos em Palhoça. Foi uma experiência marcante, e o poema do Murilo descreve bem as emoções do dia.

Lá no cantinho do rio com o mar
Tem um lugar legal para visitar
Com lama fofinha e cheiro de sal
A casa se chama manguezal

Tem caranguejo com pata ligeira
Correndo pra lá e pra cá, a tarde inteira
Tem peixe pequeno, siri sapeca
Tem árvore torta, parece careca

A garça voando, branca e bonita
No mangue ela pesca, nunca se irrita
Tem lama no pé, mas tudo é normal
Aqui é feliz, o manguezal

É berço da vida, é cheio de cor
O mangue é lar, abrigo e amor
Vamos cuidar desse chão especial
Porque o manguezal é sensacional

Murilo Gabriel Nunes Ramos





Manguezal

No encontro do rio com o mar,
O manguezal começa a brotar.
Com lama, raízes e verdes sem fim,
É casa de peixe, ave e siri.

Caranguejo caminha devagar,
Enquanto o siri começa a cavar.
A vida se esconde, depois a surgir,
No manguê há sempre algo a florir.

Mas pede socorro o manguezal,
Sofrendo o impacto do lixo e do mal.
Preservar é dever natural:
Cuidar do manguê é essencial.

O manguê clama por atenção,
Sofre com o lixo e a devastação.
Se nós queremos um mundo ideal,
Devemos cuidar do manguezal.

Pedro Miguel Rocha Ribeiro

SERRA DO TABULEIRO E MORRO DO CAMBIRELA

ESCOLA BÁSICA FRANCISCA RAIMUNDA DE FARIAS COSTA
Professoras Ivonete Jesus dos Santos e Mara Polato
Turma 62

Show de biodiversidade

Palhoça tem outras atrações naturais além do manguezal, e uma das mais atraentes é o Parque da Serra do Tabuleiro, maior unidade de conservação de proteção integral do estado. Em meio a formações vegetais da Mata Atlântica, como floresta ombrófila densa, mata nebular, restinga, mangue e campos de altitude, estão também os mananciais que abastecem a Grande Florianópolis e o sul do estado.

Os sortudos dos alunos foram conhecer esse santuário ecológico *in loco*, e agora, para nossa sorte, vão contar como tudo se passou:

Vou contar como foi o passeio com a minha turma ao Parque da Serra do Tabuleiro, no dia 30 de maio de 2025. No início, o problema foi que o ônibus escolar demorou muito para chegar. Ficamos preocupados, achando que não iríamos mais, mas felizmente chegou e os sorrisos, antes nervosos, agora eram de animação. Quando chegamos lá, fizemos uma minitrilha até a entrada do parque e, logo, nos encaminharam para o auditório.

Heitor Vilmar de Campos





Um ponto alto da visita foi a explicação oferecida pela tutora do parque, com quem os alunos andaram pela natureza. Afinal, nada como poder ver o que está sendo contado para aprender melhor!

No auditório fomos recebidos pela Larissa, a tutora do parque. Ela fez uma palestra falando sobre os animais que habitam lá, como anta, jacaré-de-papo-amarelo, macaco bugio, puma e gato-maracajá, além de aves como tucanos, papagaios, periquitos e araras. Depois fomos ver a exposição de animais que foram resgatados na serra, que estavam em vidros de conservação. O que mais me impressionou foi o esqueleto de uma anta. Antes de irmos embora, fui entrevistada. Foi uma experiência única!

Letícia Emanuela Rocha Alves

Conhecemos um pouco da flora e da fauna do Parque, e sobre os seus cursos de água: rios, riachos, nascentes, águas termais... Fizemos a trilha da anta e a palestrante falou que o local há séculos já foi fundo do mar (há uma vara marcando a altura da água quando foi mar). A Serra do Tabuleiro deve ser preservada para que os animais e a vegetação não sejam extintos.

Pietra Ferreira



pale**S**tra
Estudo
te**RR**a
Ar

DOmínio da natureza

Território
águ**A**
Bromélia
fa**U**na
f**L**ora
árvor**E**
cap**I**vara
tr**I**lha
c**O**bra

Heitor Vilmar de Campos

FESTA DO DIVINO

ESCOLA BÁSICA FRANCISCA RAIMUNDA FARIAS COSTA

Professoras Ana Maria Noronha, Edilene Maria Martins, Liliana Grunewald Soares e Luiza Bobsin Martins

Turma 52



Realizada sete semanas após o domingo de Páscoa, a Festa do Divino Espírito Santo surgiu em Portugal no século XIV, no tempo da rainha Isabel. Segundo a tradição católica, celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus. Tendo chegado ao arquipélago dos Açores, tornou-se em pouco tempo o evento religioso mais popular do local.

Cinco séculos depois, quando aportaram em Santa Catarina, os imigrantes luso-açorianos logo organizaram a festa, que se espalhou pelo Brasil e ganhou lugar de honra no calendário religioso.



Para aprender mais sobre o Divino, a turma recebeu a visita da organizadora do evento em 2025, Camila Zacchi. A partir daí, criaram textos superlegais, como esta apresentação do Gabriel e do Pedro.

No começo da Festa do Divino o padre escolhe uma família para serem os festeiros. Eles organizam a festa. Quando o padre escolhe essa família é segredo, a família não pode contar para ninguém. No meio da festa tem almoço, jantar, shows e o cortejo. O cortejo é um desfile imitando as roupas e os atos de antigamente. Alguns imperadores seguram a coroa e caminham pela cidade. No final da festa o cortejo desfila pela cidade jogando pétalas nas ruas.

Gabriel Santos de Souza e Pedro Daniel dos Santos Keper



Algumas tradições da festa, entre gostosuras e detalhes artísticos, chamaram especialmente a atenção da garotada.

Festa tem que ter bolo

O Bolo do Divino é um bolo de promessa. É um pão doce com erva-doce e canela, que promete realizar pedidos ou orações, tipo parar dor no coração, parar febre e outras coisas.

Kayke Leandro Sutil Chaitel

Um dia na Festa do Divino

Festa
Espírito Santo
Santo
Tradição
MissA

Deus
Oração

Divino
Igreja
Vinho
Igreja
RaiNha
COroa

Débora Lúcio Ramos
e Angelina da Silva Honorato

A pomba do Divino é uma ave branca que representa a paz. Ela tem sete listras coloridas embaixo do corpo, e as cores não estão lá só por estar. Elas representam os sete dons do Espírito Santo, que são:

Azul: Sabedoria;
Prata: Entendimento;
Verde: Conselho;
Vermelho: Fortaleza;
Amarelo: Ciência;
Azul-escuro: Piedade;
Roxo: Temor de Deus.

Lívia Jacomelli, Pedro Daniel
dos Santos Kemper, Kayke
Leandro Sutil Chaitel
e Isadora Rocha dos Passos



ENSEADA DO BRITO, CASA DE CULTURA E RENDA DE BILRO

ESCOLA BÁSICA FRANCISCA RAIMUNDA DE FARIAS COSTA
Professoras Caroline Antunes Martins Alamino e Mara Polato
Turma 61

Mágico e paradisíaco

Palhoça tem um cantinho onde a paz, a história e a cultura de além-mar se dão as mãos: é a Enseada do Brito. A visita ao local proporcionou aos alunos uma experiência única. Eles se sentiram transportados para um tempo em que não havia Internet, influencers, bombardeio de publicidade ou vídeos de gatinhos. Tiveram, por algumas horas, a cada vez mais rara sensação de tranquilidade.

O ônibus já chegou,
E nele crianças animadas para o passeio.
A alegria é tanta que mal se espera.
Já chegou! Já chegou! Gritavam as crianças.
O passeio começou, fotos e mais fotos.
O encanto toma conta de todos os alunos.
A igreja, as casas, a cultura, o museu.
Que lindo!
A diversão e a curiosidade tomam conta de todos.
Foi um dia imperdível!

Mara Eduarda de Souza Amazonas



A arquitetura é pura,
A igreja é importante.
Vemos casas com estilo açoriano
E lindas montanhas e sítios.
Mar, ostras, mariscos e barcos de pesca.
E tudo num lugar só.
Apresento-lhes a Enseada do Brito,
Um lugar mágico e paradisíaco,
Cheio de histórias.

Helena da Silva



Saberes imortais

Além de passear pelas ruas daquele lugar bucólico, os alunos vieram a conhecer tradições ricas, técnicas de trabalho artesanal que os imigrantes foram passando de pai para filho. Nessa visita, a propósito, eles viram uma daquelas cenas difíceis de esquecer: uma avó, de 83 anos, fazia rendas de bilro junto com sua filha e sua neta.

A renda de bilro é uma tradição cultural açoriana. Para confeccioná-la, é preciso de uma enorme almofada retangular enchida com folhas de bananeiras e os bilros amarrados em uma linha que se deslocam agilmente pelas bordadeiras, formando o desenho desejado. A renda é confeccionada por muitas mulheres da enseada e comercializada em feiras e lojas de artesanato local.

Helena de Souza

Para fazer os objetos de cerâmica dois tipos de massas são misturados, amassados e enrolados. Depois essa mistura é colocada em um prato que tem um cabo e um círculo embaixo. Em um banquinho, o escultor senta e usa a perna direita para rodar a parte de baixo para o prato de cima circular. Utilizando ferramentas simples como pedaços de madeira ou bambu, faz detalhes em vasos, copos, figuras de pessoas ou animais... Quando o formato desejado está pronto, é colocado no forno para secar e em torno de uma semana fica pronta a peça. Essa técnica é ensinada na Casa de Cultura, e as peças são comercializadas como artesanato local, representando vestígios da cultura açoriana.

Felipe Alcides



Uma curiosidade sobre a arquitetura é que preserva fortes tradições da arquitetura colonial, especialmente a de influência açoriana, com casas baixas e coloridas, e janelas de madeira. A região ainda conserva algumas casas antigas, como a que servia de ponto de referência para os pescadores.

Victor Martins de Jesus e Erick Knies

Guardado na memória

A experiência deixou marcas profundas no coração de todos. Tomara que, quando essa turma crescer, possa lembrar do quanto é importante viver num lugar onde se preserva o sossego e onde as conquistas das gerações anteriores são valorizadas.

Enseada do Brito, bairro de Palhoça,
É um lugar maravilhoso e encantador,
Com estrutura antiga
E a cultura açoriana preservada até hoje.
Com casas típicas da cultura açoriana,
Uma igreja encantadora que preserva
A religiosidade da cultura açoriana,
Esse é o bairro Enseada do Brito.
Sophia Oliveira

Na estrada a gente chegou.
Chegamos com muito vento.
Lá encontramos uma igreja
As ruas eram todas calçadas.
Lá também tem artesanato o ano inteiro.
Faça chuva ou faça sol, todos estão lá.
Tem uma praça e muitas casas,
Também tem a cultura açoriana.
Deve ser legal morar lá!
Mikaely Machado



PRAIA DO PONTAL, PRAIA DE FORA E ATIVIDADE PESQUEIRA

ESCOLA BÁSICA FRANCISCA RAIMUNDA DE FARIAS COSTA

Professora Edilene Maria, Liliana Grunewald Soares e Luiza Bobsin Martins

Turma 51

Antes tarde do que nunca

Demorou, mas chegou. Este livro não podia terminar sem uma palavra sobre a orla palhocense. As praias e o mar azul são a marca da cidade, e, para poder apreciar esse cenário, milhares de visitantes pegam a estrada nos fins de semana e feriados. A Guarda do Embaú é uma das principais atrações da região e a única Reserva Mundial do Surf no Brasil. Tudo isso é o máximo, mas não podemos esquecer de um ponto: o mar, aqui, não é somente um espaço de lazer e esporte, muita gente vive da pesca.

Tanto isso é verdade que até uma professora, a Luiza Bobsin Martins, é pescadora. A propósito, ela e seu irmão, Vitor Correia, deram uma aula sobre a atividade. Falaram sobre como aprenderam a pescar, contaram histórias e mostraram o material de trabalho.

No fim, teve até uma brincadeira:

o Vitor lançou sua tarrafa
e pescou alguns alunos.



Dois poemas, o do Eduardo e o da Ágata, criam imagens bem nítidas na mente dos leitores. Eles transmitem com força a emoção de entrar num barco e se lançar nas águas do mar:

Partimos bem cedo
Encantados com o horizonte,
Segurando as varas com firmeza.
Correntezas nos desafiam,
Aguardamos o momento certo,
Remos na água cantam,
Imaginação voa longe.
Alvo: o grande peixe!
Eduardo Brero de Jesus



Peixe saltando no mar
Embalado pelas ondas,
Silêncio da manhã.
Canoas deslizam calmas,
Ar puro no rosto,
Remos cortam a água.
Isca lançada com esperança
Aventura começa!
Ágata de Oliveira

E a turma também fez vários outros acrósticos com os elementos dessa atividade tão presente na região.

Paz da pesca e da tainha
E da corvina na nossa praia
Silêncio
Corvina
Anzol
Rede
Isca
Água de coco
Lucas Gabriel

Pesca
E o mar
Seus peixes
Cultura da pesca
A pesca da tainha
Rios
Isca de pesca
A água
Bárbara Moreno Padilha

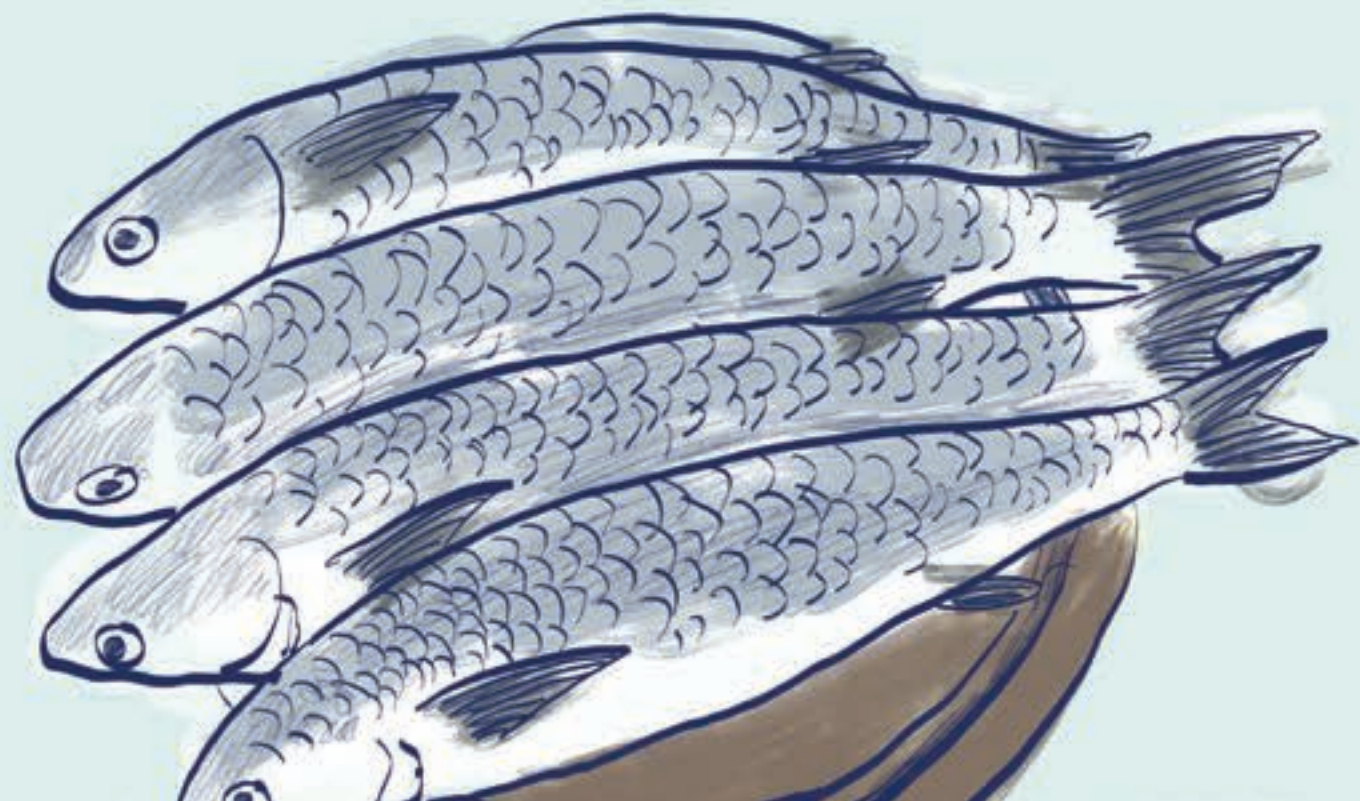
Para mostrar que saíram da conversa com conhecimentos avançados da atividade, alguns alunos relataram detalhes e curiosidades do que aprenderam.

Praia de Fora

A Praia de Fora em Palhoça é conhecida pela pesca, especialmente a da tainha, que atrai pescadores e moradores. É uma atividade tradicional e culturalmente importante. Muitos pescadores dependem da pesca para a subsistência e sua renda depende da época do ano e das condições do mar.

Antigamente, a pesca era uma atividade mais artesanal e abundante, com pescadores utilizando métodos tradicionais e encontrando peixes próximos da costa. Hoje ela se tornou industrializada, com o aumento da frota e novas técnicas. Isso levou a uma diminuição na quantidade de peixes, e obriga os pescadores a ir mais longe e a passar mais tempo no mar para obter a mesma quantidade de antes.

Bárbara Moreno Padilha, Eduardo Brero de Jesus, Ellen Moreschi Mendes, Jorge Antônio Santos de Aguiar e Luíza José Sarmento

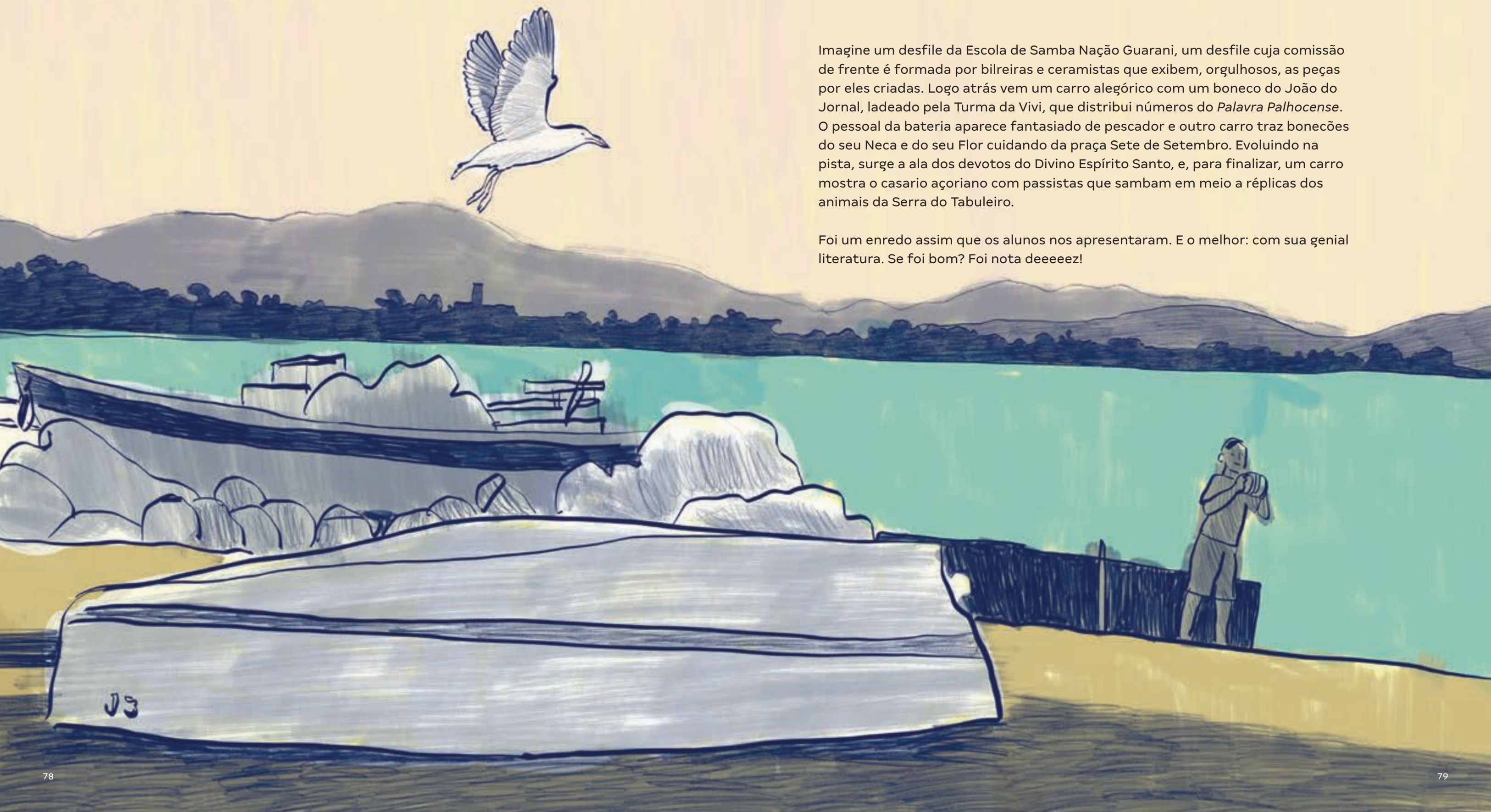


Sabão que duuuura

A família da professora Luiza pesca no mar e os tipos de peixe que eles mais pegam são tainha e corvina. E têm, tipo uma tradição: não lavar a roupa até passar a temporada dos peixes. Por exemplo, ficam a temporada da corvina até acabar, daí pode lavar! Eles não lavam porque falam que dá sorte, é isso.

Luiza José Sarmento





Imagine um desfile da Escola de Samba Nação Guarani, um desfile cuja comissão de frente é formada por bilreiras e ceramistas que exibem, orgulhosos, as peças por eles criadas. Logo atrás vem um carro alegórico com um boneco do João do Jornal, ladeado pela Turma da Vivi, que distribui números do *Palavra Palhocense*. O pessoal da bateria aparece fantasiado de pescador e outro carro traz bonecos do seu Neca e do seu Flor cuidando da praça Sete de Setembro. Evoluindo na pista, surge a ala dos devotos do Divino Espírito Santo, e, para finalizar, um carro mostra o casario açoriano com passistas que sambam em meio a réplicas dos animais da Serra do Tabuleiro.

Foi um enredo assim que os alunos nos apresentaram. E o melhor: com sua genial literatura. Se foi bom? Foi nota deeeeeez!

Edição: Otavio Nazareth
Coordenação pedagógica: Giselle de Guimarães Germano
Assistência de coordenação: Michelle Soares
Texto final: Marcus Aurelius Pimenta
Ilustrações: Helena Kuller
Projeto gráfico: Daniel Brito
Assistente de design: Barbara Garcia
Revisão: Fernanda Alvares
Produção gráfica: Marina Ambrasas

1ª edição, 2025

A Editora não se pronuncia, expressa ou implicitamente, a respeito da acuidade das informações contidas neste livro e não assume qualquer responsabilidade legal em caso de erros ou omissões.

© Marcus Aurelius Pimenta e Helena Kuller, 2025
© Editora Olhares, 2025

Impressão: Leograf
ISBN: 978-65-6092-064-4



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

644p Pimenta, Marcus Aurelius.
Palhoça : a cidade da gente / organização Marcus Aurelius Pimenta ;
ilustrações Helena Kuller — São Paulo : Olhares, 2025.
80 p. : il. color. ; 25 cm.
ISBN 978-65-6092-064-4
1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural. 4. Cidades.
5. Palhoça (SC). I. Kuller, Helena. II. Título.
CDD 028.5

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Renata Baralle — CRB-8/10366



patrocínio



produção executiva



parceria



realização



Era uma vez Palhoça. Um dia as crianças e os adolescentes que moravam lá perceberam que a história da cidade era a sua própria história... A Festa do Divino, os manguezais, o jornal *Palhocense*, entre outros patrimônios, fazem parte desta narrativa, investigada e escrita pelos estudantes das escolas municipais.



patrocínio



produção executiva



parceria



realização

